

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XXII

Nº. 2

Fevereiro de 1981

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Clatarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Fevereiro de 1981

Nº 2

S U M Á R I O

Página

VOCÊ SABIA?.....	34
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	36
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA: .. .	48
EXCURSÃO CULTURAL A TRENTO - ITALIA - II.....	50
ACONTECEU... - Janeiro de 1981	51
GUSTAVO KRIEGER	52
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU .. .	57
LIVROS PUBLICADOS PELA FUNDAÇÃO	59
A. S. DE LETRAS	60
TIPOS ORIGINAIS DE BLUMENAU	61
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	62
PROJETO DO PRÉDIO DO ARQUIVO HISTÓRICO .. .	62

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Antiga Alameda Duque de Caxias com o prédio (último) a ser demolido. (Texto na última página)

Você Sabia?...

Frederico Kilian

.... que, aproveitando a enorme cheia do Rio Itajaí-açu, o vapor "São Lourenço" no dia 24 de Dezembro de 1875, que até então só fazia viagens até Gaspar, seguiu até Blumenau, sob o comando de João Esteves Várzea, por sugestão do negociante Luiz Altenburg, levando nessa excursão numerosas famílias de Gaspar, sendo recebidos festivamente sob o espoucar de foguetes e acordes das duas bandas musicais, pelo Presidente da Câmara, vereadores e grande massa popular?

.... que em 26 de março de 1911, realizou-se aqui em Blumenau entre uma equipe de 11 sócios do "Turnverein" (Sociedade de Ginástica) de Blumenau e 11 tripulantes do navio de guerra alemão "Von der Tann" cuja oficialidade e 550 marujos visitaram Blumenau naquele dia, uma partida amistosa de futebol, no "pasto do Holetz" — (local onde hoje se ergue o restaurante "Cavalinho Branco", à Alameda Rio Branco, sendo este o primeiro jogo internacional de futebol disputado nesta cidade?

.... que a primeira fábrica de fósforos instalada em Blumenau foi a de Frederico Guilherme Busch Sênior, à rua 15 de Novembro onde hoje se acha o estabelecimento da Utilar, ao lado da Caixa Econômica Federal, em 1906, ocupando, naquela época cerca de 15 operários e que sua produção era de 1.800 2.000 caixotes mensais, cada um com 120 pacotes de 10 caixinhas de fósforos, marca "Dominó"?

....que na manhã do dia 26 de Junho de 1910, um domingo, blumenau recebeu em seu porto, com foguetes e vivas, o navio "Richard Paul", que a firma Richard Paul, então estabelecida em Itoupaiva Seca, encomendara na Alemanha, o qual vinha todo garboso e embandeirado, e que, tendo o proprietário, em concorrência com os vapores "Progresso" e "Blumenau" baixado os preços de passagens de Blumenau a Itajaí, para 6\$000 Rs. de 1ª classe e 5\$000 Rs. o de 2ª classe, a Companhia Fluvial, estabeleceu, então, para esse trajeto, os preços de 5\$000 Rs. para 1ª classe e 3\$000 para o de 2ª classe?

.... que a 1º de junho de 1904, chegava um grupo de imigrantes, na maioria suíços, aos terrenos nas imediações da confluência dos rios Indios e Krauel, derrubando ali a primeira árvore no local em que se estabelecera a povoação sede da colônia que recebeu primitivamente o nome de Nova Zurique, hoje Presidente Getúlio?

.... que os colonos de Nova Zurique, a 1^o de setembro do mesmo ano de 1904, fundaram uma escola, cujo primeiro professor foi o colono Grage e que começou a funcionar com 15 alunos?

... que a 2 de fevereiro do ano de 1885, foi solenemente inaugurado na sala das sessões da Câmara Municipal, em sessão solene, o retrato de Hermann Wendeburg, pintado a óleo, pelo célebre pintor Hermann Wisliscenus, professor da Academia de Pintura de Düsseldorf e que no ato inaugural discursou, exaltando as virtudes do homenageado, o Sr. Julio Sametzki, um dos voluntários da Guerra do Paraguai, na qual tomara parte como tenente?

.... que a pacificação dos índios botocudos do Vale do Itajaí começou a ser feita em 22 de setembro de 1914, quando Eduardo de Lima e Silva Hoerhahn, conseguiu estabelecer contato pacífico com os mesmos em Rio Plate, iniciando os trabalhos de sua fixação naquele local, onde foi criado o Posto Duque de Caxias, do Serviço de Proteção aos índios?

... que o pai de José Gonçalves, diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", de nome Luiz Alípio Gonçalves, conhecido "manteiro" em toda aquela região, foi um dos primeiros auxiliares de Eduardo, contratado para guiar as comissões de pacificação mato adentro, tendo permanecido naquele serviço durante cerca de oito anos?

... que em 1867, o número de alunos em todas as escolas da Colônia de Blumenau (duas escolas públicas e 5 particulares) era de 262, sendo 125 meninos e 137 meninas?

.... que a atual rua "Santo Antônio", situada entre o Banco Sul Brasileiro e a Casa Moellmann, e dá acesso ao Colégio Santo Antônio, antigamente chamava-se "Rua dos Abrantes"?

.... que a denominação do bairro da Capim Volta é um nome que provém da curva do rio Itajaí-açu nas imediações da Rua São Bento e que, por abundar do conhecido capim angola, foi chamado de "Volta do Capim", mas que os alemães que colonizaram a região não a denominavam de "Volta do Capim", mas de "Capim Volte", na sua natural tendência de incorporar ao idioma que conheciam os termos brasileiros dando-lhes aparência germânica?

... que a antiga Capela de São Bonifácio, de Encano, foi inaugurada a 15 de janeiro de 1875, pelo vigário de Joinville, Padre Carlos Begershausen, que ali celebrou missa festival? E que foi a primeira igreja católica totalmente construída a expensas dos católicos alemães de Blumenau, a que, naquele tempo Encano pertencia?

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

V

Quando o Dr. Blumenau estava se despedindo de seus pais em Blankenburg, para voltar ao Brasil, soube por intermédio do pai de seu sobrinho Reinhold Gaertner, da desistência da maior parte dos 250 emigrantes que tinham acertado com ele o embarque para a sua colônia. Imediatamente, embarcou para Hamburgo, para se entender com o seu sobrinho, que já o aguardava, profundamente preocupado com o ocorrido.

— Vamos, Reinhold, falar com os que sobraram. Será possível? Todos já haviam concordado em embarcar, como é que agora desistiram quase às vésperas do embarque? Que coisa pavorosa! Puxa! Tudo me acontece de desagradável! Vamos conversar com os que sobraram para nos inteirar do ocorrido:

— Eu não tenho mais dúvidas, tio! Eles foram atraídos por propostas mais vantajosas e até já embarcaram para o Chile!

— Chi... le Já em...bar...caram? Pensei que a desistência fosse por atração de propostas mais vantajosas dos agentes do Príncipe Francisco de Joinville e tivessem embarcado para o Brasil, para a Colônia Dona Francisca. Quer dizer, Reinhold, que o Chile também está no mercado de emigrantes?

— Procurei o tio por toda a parte, e soube por intermédio de papai, que o senhor havia saído de sua casa para se despedir de sua namorada e depois viria para Hamburgo.

— É, meu sobrinho! Foi a única coisa boa e agradável que me aconteceu até aqui, nesta minha viagem à Alemanha, ter me apaixonado por uma jovem e finalmente, pensar em casar, afinal, já vou completar trinta anos e preciso arranjar uma companheira!

— Ótimo tio! E quando é o casório?

— Ela é filha de um enérgico oficial alemão. Vai pensar e me escrever para o Brasil. Isso se o seu pai, que não vê com bons olhos tal viagem para um país tão novo e ainda está relutante e precisa se informar melhor sobre o Brasil. Vou pois, esperar suas notícias no Brasil. Se ela concordar, casaremos, caso contrário continuarei um solteirão!

— O senhor, meu tio, parece de bom humor ao falar de sua namorada, depois de tantas decepções!

— Reinhold! É bom você ir se acostumando com o que você está assistindo, porque a luta é a mais ingrata possível e eu quero ser sincero e leal com os meus abnegados colonos, que se mantiveram fiéis e não me abandonaram, como a maioria deles. Vamos ao seu encontro na pensão, onde estão hospedados. Tens os nomes deles aí contigo?

— Tenho, sim, tio!

— Então leia bem devagar, quero fixá-los em minha memória, para jamais esquecê-los! Leia bem devagar, Reinhold!

— Não é melhor o tio ler? Tenho aqui na lista o nome de cada um, idade, estado civil e profissão!

— Não! Leia primeiro, depois eu leio, para então melhor guardá-los em minha memória e nunca mais esquecê-los, desse legítimo gesto de lealdade e abnegação para comigo, num momento em que só tenho tido decepção e contratempos de toda ordem.

— Então vou ler, tio!

— Leia! Leia devagar, por favor!

Reinhold começou a ler, pausadamente:

Franz Sallenthien, solteiro, de 24 anos; Paul Kellner, solteiro, de 23 anos; Julius Ritscher, solteiro, 22 anos; Wilhelm Friedenreich, de 26 anos, casado, veterinário; Minna Friedenreich, 24 anos, casada; Clara Friedenreich, de 2 anos; Alma Friedenreich, de 9 meses; Daniel Pfaffendorf, de 26 anos, solteiro, lavrador; Friedrich Geier, de 27 anos, solteiro, marceneiro; Friedrich Riemmer, de 46 anos, casado carpinteiro; Erich Hoffmann, de 22 anos, solteiro, funileiro; Andreas Kohllmann, de 52 anos, casado ferreiro; Johanne Kohllmann, de 44 anos, casada; Maria Kohllmann, de 22 anos, solteira; Christine Kohllmann, de 17 anos, solteira; Andreas Boettcher, de 22 anos, solteiro, ferreiro; Reinhold Gaertner, de 26 anos, solteiro.

— Somos, tio! Ao todo 17 pessoas e apenas 11 homens!

— Excelente, Reinhold! São então, duas famílias completas os Friedenreich e os Kohllmann, tendo um casado, o Friedrich Riemer, por que não levou a mulher?

— Ela irá depois, quando tudo estiver mais arranjado, evoluído.

— Muito bem! Dê-me a lista para agora ler seu nomes, um por um, e vamos depois conversar com eles, Reinhold!

Quando chegaram à pensão, o Dr. Blumenau os reuniu numa grande sala e lhes expôs com a máxima sinceridade e lealdade, o que lhe era peculiar, o que teriam de enfrentar dali para a frente.

Quero, primeiramente, agradecer a lealdade dos senhores em confiarem em mim e continuarem comigo, dispostos a viajar para a nossa futura colônia, à margem direita do Itajaí-grande, no interior da Província de Santa Catarina, no lindo e longínquo Brasil.

Clima tropical, mata virgem, com os seus riscos e perigos! Índios não agressivos, porém, perigosos, quando molestados, o que devemos evitar para a nossa segurança. Um rio maravilhoso, com abundância de ótimos peixes, muita caça e sobretudo terra fértil e plana, quase ao pé de uma serra muito bonita, com riachos e ribeirões e muita água.

Não prometo um "paraíso" para vocês em nossa colônia, para onde embarcarão em poucos dias, sob a direção do meu sobrinho Reinhold Gaertner, já de todos vocês bem conhecido. Eu seguirei, primeiro, para esperá-los lá.

Devem ter em mente que a missão de vocês, é de pioneiros, porque dos 250 colonos que se comprometeram comigo, só os senhores mantiveram as suas palavras e eu, renovo os meus sinceros agradecimentos, não só pela lealdade da palavra empenhada, como pela confiança que em mim depositaram.

Vamos lutar contra as forças adversas que sempre encontramos na vida, e ainda mais, acostumados como estamos em nossas aldeias e cidades, para colonizar, o que significa: desbravar, para povoar!

A luta para a conquista da selva bruta e virgem, num chão ainda não pisado pelo homem, é uma luta que só os gigantes conseguem empreender, e para com ela conviver e sobreviver!

Há uma força dentro de nós que é poderosa e hercúlea e, é, com esta força que possuímos como dádiva de Deus, que devemos contar para vencer todas as nossas dificuldades e vicissitudes. Ela, meus amigos e companheiros de lutas e conquistas, porque tudo haveremos, se Deus quiser, de fazer, ela é a Fé!

Confesso-lhes que não tem sido fácil a minha luta, e por mais de uma vez tive vontade de desistir de tudo, mas olhando os céus, vinha-me sempre cada vez mais forte a Fé, e eu, prosseguia com energia redobrada, ultrapassando e vencendo todos os contratempos e aborrecimentos!

Quero ser sempre autêntico para com os senhores, para nunca cair em contradição e perder a confiança que em mim depositaram, porque, juntos, não vamos, apenas, plantar a couve para nos alimentar hoje e sim, também, a árvore para que nos dê a sua lenha, sua madeira e sua sombra para todo o sempre.

Em função de entraves burocráticos e sobretudo, políticos, ainda não consegui ter aprovado, pelo Governo da Província, o meu plano de colonização. Todavia, para não haver mais perda de tempo, assinei um convênio com o Governo Provincial, através de uma firma que constituí, para exploração agrícola, e os senhores, desembarcarão no Brasil, como meus empregados e não colonos, para satisfazer exigências oficiais.

Se tais condições interessam aos senhores, que, para mim, é bom lembrar, continuam sendo meus colonos e os primeiros; se tais condições, como disse, interessam aos senhores peço levantarem seus braços direitos e os que não concordarem permaneçam como estão.

Fez-se silêncio e todos em seguida levantaram seus braços direitos, concordando. O Dr. Blumenau, visivelmente emocionado, agradeceu satisfeito.

— Devo também declarar, com a mesma lealdade e confiança, que os senhores a mim acabaram de demonstrar, com o simples mais profundo gesto de levantarem tão rapidamente os seus braços direitos, que, nunca, em hipótese alguma, os considerei e jamais considerarei, meus empregados, e sim, meus mais legítimos e verdadeiros colonos!

Não esqueçam, eu lhes peço, nunca, estas minhas palavras de hoje, neste meado de 1850, que eu os considero meus primeiros colonos já disse repetidas vezes, juntos, somos a semente que brotará, através dos séculos, a mais extraordinária obra de colonização alemã feita com o suor de nosso trabalho, coragem de enfrentar os perigos, riscos e lutas e, sobretudo, com amor e dedicação, agradecendo a Deus a extraordinária Fé que sempre nos inspirou e que nunca nos faltará!

Sou e serei sempre sincero e leal, como comportamento meu natural, herdado de meus antepassados, não prometendo um "paraíso", lá para onde vão em breve, mas, o céu me diz, e eu confio que, juntos e unidos, com os mesmos ideais e vontade, construiremos o nosso "paraíso", que nascerá de nossas lutas e sacrifícios, como obra duradoura e eterna, sob o poder das duas, das maiores de de nossas forças, que as conjugaremos sempre, perfeitas e harmoniosas a material e a espiritual, na conquista de nossas aspirações maiores de colonizadores, porque Deus nunca nos abandonará!

Que tenham uma boa e feliz viagem, meus amigos e companheiros!

VI

A viagem de volta ao Brasil, o Dr. Blumenau a fez a bordo de um veleiro, e foi a mais penosa de todas feitas até então, durante 24 dias.

Na zona da calmaria, ao norte do equador, o navio ficou retido durante quatro semanas.

Esgotou-se a provisão de água potável, que tinha de ser racionada, rigorosamente!

Sobrevieram tempestades, acompanhadas de chuvas torrenciais, morrendo 18 mudas de árvores frutíferas e secaram duas terças partes de 250 mudas de roseiras, algumas delas dadas por sua mãe.

Ao aportar o veleiro, com um dos mastros quebrados, no Rio de Janeiro, além da péssima e trágica viagem, na Corte grassava a febre amarela.

Declinava, novamente, o ânimo do Dr. Blumenau e via-se assaltado por pressentimentos sombrios, pensando em seus colonos que chegariam dentro de um ou dois meses, o mais tardar.

Todos os seus maus pressentimentos se revelaram fundados, quando chegou ao escritório da firma Schroeder & Cia., seus velhos amigos, e encontrou notícias funestas, das quais algumas se lhe haviam antecipado na travessia do Atlântico.

Uma das cartas o informou da morte do pai, ocorrida duas semanas depois da sua partida.

A outra vinha da sua jovem namorada, e que se propunha casar, no entanto o seu rabujento pai, não consentia que ela viesse para um país exótico, com suas selvas e seus perigos.

Essa recusa abalou-o profundamente, tanto assim que não quis mais falar em casamento por longo tempo. Ou melhor, só veio pensar em casamento, dezesseis anos mais tarde.

A terceira carta era de Hackradt, que participava, mais uma vez, a sua intenção de se retirar da firma.

Dizia que a serraria estava correndo o risco de ser destruída pela enchente. Que as tábuas alcançavam apenas preços baixos e seria necessário mais capital para evitar o fracasso total. Só pessimismo! Como ele ultimamente costumava fazer para se desligar da sociedade, concluiu o Dr. Blumenau, desesperado.

Em face de tais notícias, a sua situação era deveras desanimadora. Foi, imediatamente, em busca de socorro, com o seu velho e bom amigo Marquês de Abrantes, que o recebeu, como sempre, amavelmente:

— Senhor Marquês, acabo de chegar da Alemanha, onde ao invés de 250 colonos que haviam se comprometido comigo, apenas 16 e mais um sobrinho meu, concordaram em embarcar e em breve estarão passando por aqui, rumo à Província de Santa Catarina.

— Mas como, Dr. Blumenau? De 250, só dezessete colonos é que vêm para a sua colônia?

— Sim, senhor Marquês! Apenas 17 colonos! A Alemanha é hoje um país de imenso mercado de “escravos brancos” e não colonos, sr. Marquês!

Não são só os Estados Unidos que fazem o “comércio ilícito” de emigrantes alemães. São também os países da América do Sul, notadamente a Argentina e o Chile, para citar apenas dois. Os 250 colonos que se haviam comprometido comigo, foram desviados para o Chile!

— É profundamente lamentável, Dr. Blumenau!

— Mais lamentável ainda foi o que assisti lá em meu país, agora, nesta minha viagem cheia de surpresas e contratemplos, desagradáveis.

Tive o “prazer” de assistir a constituição da “Sociedade 1849” do Príncipe Francisco de Joinville...

— O cunhado do nosso Imperador, Dr. Blumenau?

— Sim, senhor! Esse mesmo, senhor Marquês, que não só teve a sua colonização aprovada sem dificuldades, pela Assembléa Provincial de Santa Catarina, sem qualquer objeção política, recebendo uma doação de terras de cerca de 12.800 hectares e já conseguiu embarcar 124 colonos para a sua colônia Dona Francisca, na Província de Santa Catarina, enquanto que eu, só recebo negativas de toda ordem, senhor Marquês!

— Lamentável! Muito lamentável, mesmo, Dr. Blumenau!

— É sem dúvida, senhor Marquês! Estou voltando agora aqui à sua presença para saber se o que deixei com Vossa Senhoria, foi aprovado pelo Imperador.

— O Imperador prometeu atender o seu empréstimo de dez contos de réis!

— Ainda, senhor Marquês, apenas prometeu atender?

— Não! Garantiu-me que o senhor terá o seu empréstimo em breve!

— Eu precisava hoje, agora, senhor Marquês!

— É impossível para hoje! Terá que esperar uns dias ou talvez um mês. Tenha paciência, Dr. Blumenau, por favor!

— Senhor Marquês! Infelizmente, tenho que embarcar para a Província, imediatamente. Assuntos importantes estão exigindo a minha presença lá, na colônia, bem como terei que prepará-la para receber os meus primeiros colonos, que chegarão dentro de pouco tempo e eu terei de bem recebê-los.

Não se preocupe, Senhor Marquês, recorrerei a alguém, provisoriamente, até que o meu empréstimo seja, definitivamente, aprovado.

— Pode viajar, Dr. Blumenau, tranqüilo, que cuidarei e apressarei com o máximo cuidado dos seus interesses junto à Sua Alteza!

Diga-me uma coisa, Dr. Blumenau! Então pelo que conversou, a sua tão querida Alemanha de hoje é muito diferente daquela de quando nos conhecemos e eu era embaixador brasileiro em Berlim?

— Senhor Marquês! Pode-se comparar o seu tempo de embaixador como um “paraíso”, e hoje, um “inferno”, tal a mudança operada em minha pátria, em vários setores, notadamente no que diz respeito à emigração, que é hoje, simplesmente, vergonhosa, pela transformação do emigrante alemão, numa mercadoria humana, negociável, da maneira mais inescrupulosa, como se ela se tivesse transformado numa “África Branca”, num vasto mercado de “Escravos brancos”!

— Lamentável! Muito lamentável mesmo, Dr. Blumenau!

O Dr. Blumenau despediu-se de seu amigo e foi à procura de quem, no momento, pudesse lhe emprestar o dinheiro de que tanto necessitava e teve sorte desta vez, pois um amigo o socorreu nessa emergência, emprestando-lhe a soma de que tanto precisava.

Depois de tomar mais algumas providências na Corte, procurou embarcar, imediatamente, para o Desterro.

Conduziu para bordo de um veleiro a bagagem e as plantas que conseguiu salvar, entre elas, uma roseira que lhe dera a sua velha mãe, que por milagre salvara-se na viagem fatídica.

Mais uma surpresa estava-lhe reservada. A partida do navio foi protelada, em consequência de um temporal que desabou no Rio de Janeiro, e o capitão do navio recomendou ao Dr. Blumesau que aguardasse em terra a partida, garantindo que o mandaria chamar no tempo devido. Que ele ficasse em casa esperando o seu chamado.

Todavia, ao cessar a tempestade, nenhum aviso lhe foi dado, embora cada vez mais nervoso esperasse pelo emissário do capitão do navio, que não aparecia.

Resolveu então ir ao embarcadouro, de onde pôde ver o navio, velejando à distância:

— Não! Será possível, Santo Deus! Isto só acontece comigo mesmo, com a minha eterna falta de sorte!

Desesperado, viu um pequeno bote com um remador bem perto dele. Implorou, pediu-lhe encarecidamente, que tentasse alcançar o navio que ele pagaria cinquenta mil réis!

O boteiro quando ouviu a soma considerável de 50 mil réis, olhou o veleiro à distância:

— Olha, moço! Não é fácil não, alcançar aquele veleiro!

— Vamos! Vamos!, faça o impossível que eu lhe gratifico com mais alguns mil réis. Vamos, pelo amor de Deus!

— Tá bem! Vou fazer das tripas coração, pra lhe acalmar a sua aflição moço! Mas duvido que alcance, moço! Como o senhor paga bem vamos tentar. E, se não alcançar, como é que ficamos?

— Se não alcançar eu lhe pago a metade do proposto!

— Ótimo! Vamos tentar! Até ele sair à barra, aí eu volto! Porque, aí, não será mais possível alcançá-lo de jeito nenhum, moço!

— Está bem, concordo!

Nunca o remador fez tanta força e remou tão desesperadamente. Suava por todos os poros e para desilusão dos dois o veleiro cruzou a barra ganhando o mar! Enquanto o Dr. Blumenau, desesperado, abanava com um lenço na ingênua ilusão do veleiro parar para recebê-lo a bordo!

— Qual, moço! Não adianta abanar não! Ele não é que nem carroça, que a gente freia a ela pára!

— Pode voltar, por favor, e muito obrigado pelo seu esforço!

Na volta do bote para o embarcadouro, ele, no silêncio do seu desânimo, pensava desolado: "Será, meu Deus! Que até o Senhor, está me abandonando? Não! Não creio! E, não me faça, de modo algum, perder a Fé!"

O silêncio foi quebrado por um palpite do boteiro:

— Moço! Que mal lhe pergunte? Ou o senhor tá de muito azar! Ou tomou "umas e outras", dormiu demais, e perdeu o navio! Tô certo, moço?

O Dr. Blumenau, apesar do acontecido e da sua tristeza, achou graça nas palavras do remador e pagou-o sorrindo, concordando com a segunda:

— Tome lá o seu dinheiro! O meu amigo tem toda razão, foram mesmo “umas e outras”, meu esforçado remador! — Ele naquele momento estava se recordando do seu fiel e bom canoeiro Ângelo Dias, que sempre lhe dizia: “Tomo umas e outras, de vez em quando, para matar as mágoas ou esquentar o corpo pro trabalho”.

Quando ele se despedia do remador, ele, sorrindo, falou baixinho, olhando para o Dr. Blumenau com cara brejeira:

— Escuta, moço, tu és milionário americano ou alemão?

— Sou alemão! O Dr. Blumenau respondeu rindo, sentindo o contraste entre a pergunta e a realidade! Ele! Um milionário!...

— Pois olha, moço! Com este dinheirão todo, quem vai hoje ver as raparigas da Lapa, sou eu! — Dando uma gostosa gargalhada — Que tal elas? Hein, seu maroto!

O Dr. Blumenau sorriu e começou a gostar do constante bom humor que irradiava do esperto e confiado remador, que muito se parecia com o seu canoeiro Ângelo Dias, quando tomava “umas e outras”! Afinal, tinha combinado em lhe dar, apenas a metade, e acabou dando mesmo os 50 mil réis, pelo bom humor do remador que lhe fazia bem, ele que tanto precisava, naquele momento de tão pouca sorte, de alguém que lhe trouxesse a alegria que há tanto o abandonara!

Resolveu então, se distrair mais um pouco, perguntando ao boiteiro o que lhe intrigava, e o remador tanto rira:

— Mas, o que significa: “as raparigas da Lapa”, de que você tanto riu?

Ele no auge da intimidade e da confiança que lhe dava o Dr. Blumenau, se aproximou dele e de leve cutucou a sua barriga, piscando o olho, sorrindo:

— São as mundanas, homem! As mundanas da Lapa que na certa estiveste lá! Tomaste “umas e outras”, que há pouco confessaste, e acabaste perdendo o navio, hein? Seu “sap+inho”!

O Dr. Blumenau não pôde esconder o seu sorriso. Afinal, acabara conhecendo a vida noturna da Corte, num dos momentos que tudo podia esperar, menos que fosse naquele da perda do seu navio e que tanto precisava viajar. No entanto, acabou se transformando, através das palavras bem humoradas, que ele ouvia, com prazer, do seu remador: num milionário e, finalmente, num divertido e esbanjador conquistador das mundanas da Lapa!

Era, sem dúvida, uma surpresa inusitada para ele!

Realmente, tudo aquilo, muito o divertia, num dos instantes de que ele tanto carecia de alegria, depois de tantas tristezas e contrariedades.

Notou que, talvez, fosse a brisa que sopra do mar, que fazia os homens que nele vivem ou com ele convivem, como aquele divertido remador, bem como seu canoieiro Ângelo Dias, homens tão felizes e alegres, com a propriedade inata, de aos outros transmitirem e contagiarem com esse bom humor que sentiam com tanta espontaneidade.

O Dr. Blumenau sentiu-se feliz e sem mais frustrações, com a lição de humor que lhe dera aquele homem tão simples e rude, que lhe transmitiu tanta alegria, que há tanto não sentia.

Voltou para o hotel, refeito e reanimado, para aguardar o embarque em outro navio, que o levaria ao Desterro.

VII

No hotel, enquanto aguardava o embarque, ele, sozinho, em seu quarto pensava que todas as suas lutas, dissabores, eram naturais, mas, de quando em vez, uma dose de humor era necessário para o nosso equilíbrio emocional, já que o desgaste físico e, especialmente nervoso, com as constantes contrariedades e preocupações, acabavam sempre afetando o nosso sistema nervoso, nos transformando em criaturas neuróticas.

Todas as nossas lutas faziam parte integrante do nosso cotidiano, porém, dentre elas, ele, aos homens, preferia lutar contra a natureza.

Se por vezes era violenta e desigual, com as suas tempestades e enchentes, era uma luta leal, que se desenvolvia a céu aberto, com o direito ilimitado de nos defendermos, por horas e mesmo dias, contra a sua fúria, que deixava sempre um saldo negativo de calamidades e tragédias, que faziam parte da existência humana.

Todavia, o saldo bem maior e melhor era, sem dúvida, o positivo, voltando tudo à normalidade e tranquilidade, deixando a terra fertilizada, as lavouras irrigadas, a abundância das águas, trazidas pelas chuvas, enchiam os nossos rios, movimentavam cachoeiras, cascatas e quedas de água, que giravam nossas rodas de água, para mover os nossos engenhos e serrarias, supriam os nossos reservatórios do precioso líquido, de que tanto carecíamos, enfim, os males eram sempre menores do que os bens que sobravam, num balanço dos acontecimentos, que faziam parte do dia-a-dia da criatura humana, dentro do contexto do mundo em que vivemos.

Já a luta do homem contra o homem ele a detestava, porque era, por vezes, traiçoeira e solerte, se escondendo por trás dos acontecimentos, esperando a oportunidade para poder usá-la em seu próprio benefício, nesse terrível jogo de interesses, cuja dimensão moral era secundária e impotente, para frear e limitar, apetites gananciosos, que só admitiam somar, somar sem limites riquezas, com o objetivo único e primordial do rápido enriquecimento.

Os verdadeiros interesses dos capazes e honestos, dos idealistas que não possuem fortuna nem prestígio político, são esquecidos ou marginalizados, e mofam nos escaninhos dos gabinetes oficiais, vivendo apenas de vãs promessas protelatórias.

Enquanto que para os apadrinhados tudo é facilitado e amparado, pela sórdida politicagem que infesta as ante-salas dos palácios da Corte, que tão bem havia denunciado o Capitão Guedes e que tanto mal faz ao seu amigo, o Imperador, que nada sabia, porque tudo lhe escondicam, os “ratos políticos” que infestam os porões do Paço Imperial.

Se a política de emigração alemã era vital e indispensável, à grandeza econômica do Império, como tão bem ouviu do próprio Imperador, em sua primeira audiência, então porque o seu plano, elaborado, minuciosamente, consultando os verdadeiros interesses reais, foi rejeitado pela Assembléia Provincial de Santa Catarina?

Enquanto ao da “Sociedade 1849”, da Colônia Dona Francisca, talvez copiado dele, nada foi objetado e está em pleno gozo de seus direitos, tendo até já recebido os seus primeiros imigrantes, que os viu embarcar, quando ainda na Alemanha.

Sem dúvida, porque trazia a chancela do Príncipe de Joinville, cunhado de Sua Alteza Imperial!

Para ele, as portas se fechavam, escancarando-se, porém, para os protegidos, como o príncipe e tantos outros.

E o Imperador, seu amigo?

Era a pergunta que ele fazia, no silêncio e na solidão, do seu quarto modesto de hotel, divagando sobre os acontecimentos, mas, rápido, concluiu: — Não! O Imperador fôra, apenas usado, nunca culpado!

Lembrou-se então que, quando da sua primeira entrevista imperial, percebeu que o jovem monarca era um triste solitário governante de um vasto Império, que há bem pouco, ainda lutara nas cochilhas, rincões e campos gaúchos, a mais longa de suas lutas, comandada por Bento Gonçalves da Silva, apoiado por outro Bento, o Manuel Ribeiro, luta esta denominada a “Guerra dos Farrapos”, tão célebre que durou dez anos, proclamando duas repúblicas, a de Piratini, em 1836, no Rio Grande do Sul, e a efêmera República Juliana, em 1839, em Santa Catarina, comandada por Davi Canabarro.

Seja como for, o Império esteve ameaçado pelas duas repúblicas, proclamadas ambas por bravos brasileiros sublevados, durante os dez penosos e difíceis anos de lutas, que só foram vencidas por tropas do Poder Central, comandadas pelo intrépido e valoroso Caxias, já no governo de Dom Pedro II, tornando-se “O Pacificador do Império”, com a paz assinada em 1º de março de 1845.

Embora Dom Pedro II conseguisse pacificar os brasileiros, o Dr. Blumenau sentiu que o Imperador era um "prisoneiro" do Paço e do Trono, cercado por muitos amigos, porém ameaçado por uma agressiva política republicana, cujo estopim fora aceso no Sul, pela "Revolução Farroupilha", de cunho federalista.

Sentiu, também, aos poucos e privilegiados momentos que esteve com sua Alteza Imperial que, apesar de muito moço ainda, possuía grande cultura e enorme amor ao Brasil, que amava com ternura e legítimo orgulho.

Quando esteve, pela vez primeira, com o jovem Imperador, que não completara ainda 25 anos, o que acontecia exatamente naquele ano de 1850, já que nascera no Rio de Janeiro em 1825, e com apenas 15 anos incompletos tivera a sua maioridade aprovada pela Assembléia.

Bem conhecia o pensamento do Imperador, quanto à escravatura, que não via com bons olhos e soube, por uma confiança do Marquês de Abrantes, quando com ele esteve há poucos dias, que transitava nos corredores do Paço Imperial a Lei Euzébio de Queiroz, proibindo o tráfico negreiro, a ser assinada ainda em 1850 e que seria assim a primeira vitória contra a escravatura, que ele, Dr. Blumenau, tanto detestava.

Lembrava-se ainda do sincero interesse de Dom Pedro II, pelos imigrantes alemães, o que, pessoalmente, externou naquela audiência e o que tanto lhe agradou como alemão e colonizador.

Foi então que o Dr. Blumenau, quando convivia com os seus pensamentos, naquele dia, sozinho, em seu hotel, feliz e satisfeito, chegou à conclusão de que, como ele, a "Sociedade 1849" procedia à colonização e imigração em caráter particular e que conhecendo até melhor do que ele, o pensamento do Imperador, pelo convívio palaciano do Príncipe Francisco de Joinville, vivendo sob o mesmo teto imperial, obviamente fundou ou inspirou a fundação da "sociedade 1849", na própria Alemanha, para melhor poder usar o nome do seu imperial cunhado, a fim de obter todas as facilidades que foram negadas a ele, Blumenau, sem que o Imperador tivesse sequer conhecimento do que ocorria. Daí ele imaginar que o jovem Imperador brasileiro, era um "prisoneiro" do trono imperial, por isso que realmente comandado pelo Conselho de Ministros e o regime parlamentar então vigente, sob o poder político e suas grandes disputas entre os partidos liberal e conservador, poderosos senhores da situação administrativa e política do Império.

Aquela lógica e natural dedução o confortou, e ele sentiu-se feliz porque, no exame de sua consciência, o Imperador passara "com distinção"!

E toda aquela satisfação íntima merecia ser comemorada e no auge da sua alegria, olhou o seu relógio e viu que faltava muito ainda para o jantar que seria, a convite do seu amigo Paul Schroeder, sócio principal da firma Schroeder & Cia., responsáveis pela sua próxima viagem ao Desterro, frustrada que fora com a perda do veleiro. E esses amigos agentes de navios, concordaram em lhe dar nova passagem sem despesas, bem como toda a sua estadia de espera por outro navio.

Enquanto ainda havia tempo, aguardando o seu amigo, ele voltou aos seus devaneios sobre Dom Pedro II, que bem mais moço do que ele, com tantas preocupações e esses terríveis envolvimento políticos, que tanto aborreciam e atormentavam o jovem monarca.

Se era verdade que o seu trono começava a se abalar em seus alicerces, com as constantes revoluções, quer no Maranhão, com a "Balaiada", e a mais recente, de 1849, em Pernambuco, quer os movimentos liberais de São Paulo e Minas Gerais, em 1842 e a maior de todas, a "Farroupilha", vinda deste o período regencial, se prolongando de 1835 a 1845, que tanto preocupavam o Imperador, que para pacificar, contava com o total apoio do seu leal amigo, valoroso militar e estadista, Luis Alves de Lima e Silva, barão, conde, marquês e duque de Caxias, na pacificação do Império, vencendo todas as revoluções que eclodiram no Norte, Centro e Sul do Império, sabia, melhor do que ninguém, Dom Pedro II, que o poder e a grandeza do seu trono, estavam fendidos e ameaçados com tantas revoluções, que embora dominadas, pairava no ar, sempre crescendo e engrossando cada vez mais, os ideais republicanos, que todas aquelas revoluções traziam em seu bojo, de uma ou de outra forma, incendiando todo o Império, com a chama de liberdade, que começara com Tiradentes, alastrando-se com aqueles movimentos revolucionários. E ele, Imperador, sabia muito bem e tinha plena consciência, de que jamais conseguiria apagá-las nos corações dos brasileiros, seus amados irmãos e súditos.

Bateram à porta e ele despertou para a realidade, saindo com seu amigo para conhecer a vida noturna da Corte.

A História de Blumenau revela:

CARTA DO DIRETOR DA COLÔNIA AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA, REVELA OS PROBLEMAS FINANCEIROS E AS BUSCAS DE SOLUÇÕES QUE MOVIAM A AÇÃO DO FUNDADOR DE BLUMENAU

— (Dos documentos dos arquivos da Baixa Saxônia)

“Imo. e Exmo. Snr.

Em 16 do mês p/passado, tive a honra de apresentar a V^a. Excia. o orçamento da despesa desta colônia, no corrente trimestre, reduzida à menor quantia possível de Rs. 11:297\$270 e, existindo do trimestre antecedente um saldo de despesa de Rs. 3:380\$364, solicitei respeitosa-mente o pagamento da quantia total de Rs. 14:697\$000, ou, encontran-do-se em conta o valor proveniente da venda de terras, que se acha em meu poder na importância de Rs. 2:377\$000 e da quantia de Rs. 12:320\$000, apresentei também a V^a Excia., a realmente indubitável necessidade de oferecer trabalho aos colonos indigentes, pedi autoriza-ção para despender com os diferentes serviços ou trabalhos públicos mensalmente a quantia de Rs. 2:500\$000.

Em resposta V^a Excia, se dignou conceder-me esta autorização por aviso de 25 de abril, e em 1^o do mês corrente me comunicou que ordenara à Tesouraria por à minha disposição a quantia de que con-tar para as despesas desta colônia até fim de junho próximo futuro.

Como ficou a satisfazer o valor da despesa do trimestre ante-cedente e V^a Excia. não mencionou as outras verbas do meu orça-mento, sendo as despesas da administração medição de terras, grati-ficação ao médico, etc., etc., que também deverão ser satisfeitas, e não chega para tudo isto a quantia que V^a Excia. me mandou pagar; e como não posso deduzir dos avisos de V^a Excia. se me é lícito, en-contrar em conta e despender o valor que tenho em caixa de Rs. Rs. 2:377\$000, proveniente da venda de terras, como parte integrante da quota, atualmente por V^a Excia. concedida a esta colônia, que as-sim havia de elevar-se a Rs. 11:377\$000 — na incerteza em que me acho, no receio, de pecar contra as ordens e vistas de V^a Excia. ousei outra vez recorrer a V^a Excia. pedindo novas instruções para minha norma.

Do orçamento que tive a honra de apresentar a V^a Excia., tenho restringido as despesas ao último grau possível e não se pode trans-gredi-lo, sem diretamente entregar uma grande porção de colonos à cruel miséria e efetiva fome. Ora, sendo a despesa de abril próximo passado de Rs. 3:680\$000, havendo de ser a do corrente mês de 3:200\$000, com pouca diferença e estando a satisfazer o valor de des-

pesa do antecedente trimestre com Rs. 3:380\$000, resulta já um total de Rs. 10:260\$364 e um déficit de Rs. 1:269\$364 sobre os nove contos de réis que V. Excia. me mandou pagar. Acrescentando-se, porém, a estes, o valor da venda das terras acima mencionado, fica ainda à disposição a quantia de Rs. 1:107\$636.

É impossível assim chegar ao fim do trimestre. Tenho suspenso muitos trabalhos, mas não posso fazê-lo por mais de 15 dias, sem evitar uma explosão de formidáveis clamores da parte dos colonos necessitados, e por esta razão mando um próprio para receber com mais pressa a resolução de V^a Excia.

Além disto, não posso demorar por mais tempo sem gravíssimo inconveniente e grande prejuizo pecuniário para o Governo, como também para os nossos emigrados, a fartura de caminhos para o prompto estabelecimento dos mesmos, que em breve tenha de esperar de Hamburgo, segundo as últimas novidades, que nestes dias dali recebi.

Contudo, não há dificuldade para sair destes embaraços e eu poderei tudo arranjar satisfatoriamente, uma vez que V^a Excia. me autorizar a fazer as indispensáveis despesas e transferir o valor ou excesso delas sobre a quantia que V. E. atualmente me mandar pagar para o trimestre seguinte, de maneira que fique validado pelo pagamento que por conta do mesmo novo trimestre tenho de receber no próximo mês de julho. Poderei lançar mão de diferentes expedientes e não hesito em acudir, como já fiz em diferentes outras e idênticas ocasiões, com meu crédito particular, para aplanar a dificuldade do momento, logo que V^a Excia. assim o julgar conveniente e ficar garantido o reembolso do valor adiantado, que assim tenho a fazer, no principio do novo trimestre.

Devo ainda muito respeitosamente pedir V^a Excia. queira favorecer-me de um aviso sobre este assunto com a brevidade que o precioso tempo de V^a Excia. permitir, mandando avisar ao portador, quando tenha de recebe-lo no palácio.

Deus Guarde à V^a Excia. — Colônia Blumenau, 22 de maio de 1862. — Ao Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta, Digníssimo Presidente da Província. — Ass. O Director — Dr. H. B. O Blumenau”.

Excursão Cultural a Trento - Itália - II

P. Victor Vicenzi

A história de Trento, está perdida na escuridão dos séculos quando, pela primeira vez o homem pisou esta terra.

Os antigos colonizadores de Trento, foram chamados de “Castelieri”, porque, em geral, se estabeleciam no cimo da montanha, onde havia uma plataforma adaptada para construir suas primitivas casas de pedra, circundadas também por muros de pedra, para se defendem dos animais selvagens que povoavam os bosques e as montanhas.

Esses primeiros habitantes viviam da pecuária, de pesca e de caça. A agricultura começava apenas a nascer.

Nas profundezas dos vales, existiam banhados, como se pode observar ainda hoje em Mezzocorona, Matarello, Caliano e outros lugares. Por isso, Trento, criado por Deus, não era como a de hoje. Os rios Ádige, Avisio, Noce, Saluga, Persina e demais córregos, arrasavam, nas enchentes, areias e moles de pedra, obstruindo a corrente desses mesmos rios. Foram assim formando inúmeras baixadas alagadiças, onde se criavam nuvens de mosquitos e febres palustres. Daí o motivo porque os primitivos habitantes da região trentina se estabeleciam nos lugares altos, para se livrarem destes males.

Entretanto, através de enormes sacrifícios e com o andar dos séculos, aos poucos a mão humana dos “Castelieri”, crescendo de número, desentulhou os rios e no lugar dos alagadiços, ficaram as planícies férteis, encravadas entre as cordilheiras dos Alpes, como hoje se encontram.

Toda a região alpina de Trento e Bolsano, está ligada por uma intrincada rede de estradas asfaltadas, hotéis nacionais e internacionais, parreiras, pomares, culturas agro-pecuárias e centenas de “paeselli”, que ninguém poderia imaginar.

Os documentos que provam da existência dos “Castelieri”, ou habitantes de pequenos castelos, estão no museu de Trento, considerado um dos mais afamados da região alpina e da Itália. Desses documentos se deduz que, os primitivos habitantes eram da época paleolítica (da pedra rude), neolítica (pedra polida) e da época do bronze.

Não eram povos originários do lugar, mas sim o resultado da fusão ou caldeamento de várias estirpes, que habitavam o norte da Itália: Lígures, Itálicos, Etruscos e mais tarde — Vênetos, Ilíricos e Gaulezes.

Atribui-se, outrossim, aos habitantes lígures mediterrâneos, também a origem do nome da cidade Tridentum, Tridente, Tredente e por fim Trento, denominação provinda de algum de seus lugares.

Outros historiadores, querem entretanto, que a denominação Trento, tenha tido origem do tridente de Netuno, deus do fogo, que

segura na mão direita um enorme tridente. É por isso que em Trento existe um belo monumento em pleno centro da cidade antiga, erguido em sua memória com o tridente na mão. De qualquer forma, não existe uma certeza histórica absoluta, sobre a origem do nome.

Trento antigo, ainda antes de Cristo, era apenas uma pequena cidade, que foi aumentando no tempo do Império Romano, denominada "Splendidum Municipium".

Após a queda do Império Romano, no século IV D C, Trento se tornou um ducado dos Godos, dos Lombardos e dos Francos sucessivamente, até que em 1027 teve início o poder temporal dos bispos. Somente depois de 8 séculos é que foi suprimido, na época da ocupação das forças republicanas de Napoleão Bonaparte, em 1796. Com a paz de Luneville, em 1803, a Áustria ocupou Trento e Trieste, mas nunca mais os bispos recuperaram o poder político.

Finalmente, Trento passou para a Itália, no fim da Primeira Grande Guerra, quando a Áustria foi vencida na batalha de Vittorio Vêneto, em 1918.

Hoje Trento é uma Província Autônoma da Itália com governo próprio eleito pelo povo.

ACONTECEU... Janeiro de 1981

— DIA 5 — Na FURB, tem lugar o vestibular que, no primeiro dia apontou como irregularidade, o não comparecimento de 31 inscritos e a exclusão de outros 44 por não terem retirado em tempo o cartão de inscrição.

— DIA 5 — Iniciaram-se os trabalhos de recuperação da Praça "Juscelino Kubitschek de Oliveira, totalmente danificada com a enchente de 21 de dezembro. Trinta operários foram mobilizados para aquele serviço.

— DIA 21 — A partir deste dia, vítimas das enchentes de dezembro, residentes em outras sete cidades catarinenses foram autorizadas a sacar do FGTS.

— DIA 21 — O prefeito Renato Vianna encaminhou ao DNOS, Ministério do Interior, ao Governo do Estado e Comissão Estadual de Defesa Civil, o relatório documentado contendo todo o levantamento dos prejuízos sofridos pelo governo municipal com as enchentes de dezembro, cujo montante atingiu a 215 milhões de cruzeiros.

— DIA 23 — Foi inaugurado novo serviço de ônibus coletivo urbano em Blumenau. Os veículos da Empresa N. Sra. da Glória passaram a servir o bairro conhecido como "Toca da Onça".

— DIA 29 — Este foi o último dia de atendimento para quem desejasse sacar o Fundo de Garantia, como prejudicado pelas enchentes. Declarações do sr. Nilson Landmann, confirmam que cerca de 4.500 pessoas foram atendidas.

GUSTAVO KRIEGER

"UM HOMEM QUE AJUDOU A ESCREVER, COM SUA VIDA, A HISTÓRIA DE SUA CIDADE"

(Continuação do nº anterior)

Maria do Carmo Krieger Goulart

OS FILHOS DE GUSTAVO KRIEGER

9º) AXEL

Nasceu em Brusque a 7 de fevereiro de 1915.

Estudou no Grupo Escolar Feliciano Pires onde fez curso Primário e Complementar. Foi escoteiro e serviu no Tiro de Guerra em 1932-1933.

No período de 1929 a 1942 participou do então "Turnverein", que se dedicava a exercícios esportivos em moda na época, como: aparelhos de barra, paralelas, basquete e pull-ball.

Foi membro do Conselho Fiscal de Buettner S/A Ind. e Com. e Conselheiro da Fundação Evangélica.

Uma de suas grandes paixões foi o violino, do qual foi exímio tocador. Acompanhava com perfeição o solista de um concerto, p. ex., o de Mendelsohn op. 64, durante a execução de uma gravação.

Desde cedo se interessou pela música e aos 7 anos já tocava cavquinho. Posteriormente tomou parte no Jazz Chopp, com Rosca. Animou, com seu violino, o cinema mudo. A partir de 1929 participou do jazz Band América, com seu violino e violino-fone. Na Banda Musical Concórdia tocou saxofone. Em 1941 participou do Orfeão de Blumenau tendo, como primeiro violino, alcançado grande êxito na excursão a São Paulo e Rio de Janeiro.

Além de violino (que aprendeu com o irmão Aldo) tocava flauta, violoncelo e violão. Gostava de tocar em festas familiares e tinha predileção por Mozart, Haendel, Bach, Vivaldi e Beethoven. Quando jovem, gostava de Strauss. Seus filhos não se lembram de qualquer atração sua por Wagner.

Foi regente e membro do Coral masculino da Sociedade Ginástica de Brusque, co-fundador da Orquestra de Câmara de Brusque, e integrante da Orquestra do Coral Florianópolis (1º violino).

Em solenidades como: Missa da Festa de São Luiz e, principalmente, Missa de Festa de Azambuja, foi sempre o 1º violino. Com seu violino participava também de ordenações sacerdotais e de muitos casamentos.

Desta forma tornou-se muito benquisto na Comunidade de Azambuja, onde teve amizade com Bispos e muito especialmente com o Pe. Ney Brasil Pereira.

Costumava dizer que “de música não se vive no Brasil”. Mais tempo e mais incentivo tivesse, poderia ter ser aproximado de Zino Francescatti, seu violonista preferido nos últimos tempos.

Axel casou-se duas vezes: em 1939 com Gerda Boettcher (+1942) e em 1945 com Edith Amann.

Sua profunda formação religiosa luterana sempre influenciou em seus atos. Homem culto, gostava de conversar, estando a par dos problemas nacionais e internacionais.

Com seu irmão Nilo, foi pioneiro na indústria de confecções em Santa Catarina. Buscava sempre novos campos: foi Agente Renner em Brusque, vendedor de máquinas de costura, de louças e até de perfumarias. Tentou uma fábrica de gravatas, tendo-a vendido no fim dos anos 40.

Com seu sogro Fritz Ammann, em 1948, conheceu os segredos da Contabilidade, colocando na Alfaiataria Krieger um esquema de organização administrativa que ainda hoje vigora.

A partir do ano de 1952 iniciou a fabricação de calças de linho e de camisas. Na década de 50 perdeu a representação da Renner, pois fabricava calças iguais. . .

Com seu irmão Nilo e, mais tarde, com seus filhos, impulsionou a empresa IRMÃOS KRIEGER S/A Ind. do Vestuário, que hoje desfruta de invejável conceito em todo o Sul do Brasil.

Axel faleceu no dia 27 de dezembro, tendo sido prestadas tocantes homenagens póstimas: dia 06.01.74 na Igreja Evangélica Luterana e a 07.01.74 na Igreja de Azambuja — Missa solene rezada pelo seu grande amigo Pe. Ney Brasil Pereira.

10º) NILO

Nasceu em Brusque a 3 de outubro de 1916.

De 1923 a 1927 frequentou o Grupo Escolar Feliciano Pires. Em 1936 frequentou o Tiro de Guerra 317, sendo o Corneteiro-Mor.

Fazia parte do Conjunto Serenata tocando violão — era a época do Cinema Mudo. Em 1931 ajudou a fundar o Coro de Trombones da Igreja Evangélica, do qual foi membro até 1941. De 1933 a 1936 tocou Banjo no já famoso Jazz Band América. De 1935 a 1950 tocou Pistão e Trompa na Banda Musical Concórdia. Desde 1942 é Tenor no Coral da Igreja Evangélica, da qual é também Conselheiro.

Começou a trabalhar como alfaiate em 1930. Em 1940 substituiu o pai na Alfaiataria, depois de um Curso de Especialização (Corte Americano) em Curitiba, tendo como professor o renomado Manoel Terron.

Atualmente é Diretor Presidente da firma Irmãos Krieger S.A. — Ind. do Vestuário (continuação da “Alfaiataria Krieger”), dirigindo as várias secções: — de Artesanato, para atender a clientela da Cidade, de Santa Catarina, Paraná e São Paulo; — de Confecção, onde começou com uma máquina de costura de pé e hoje orienta o trabalho

de 250 máquinas; — de Modelagem: é ele que ainda faz todos os moldes de calça, pijama, paletós (também de couro), jaquetas, colarinhos, camisas etc.

Tudo é feito sob sua rigorosa fiscalização. Ainda encontra tempo para fazer roupa sob medida, para homens e senhoras.

De 1976 a 1977 foi Vice-Presidente do Clube de Lojistas de Brusque.

Em 1975 seguiu para a Europa, onde ficou um mês visando o aperfeiçoamento do Corte e Costura (viagem-gentileza da Firma Renaux).

Possui uma coleção de máquinas de costura de mão (a mais antiga é de 1823), coleciona outras antiguidades e moedas. Presente de seu pai, guarda com carinho uma rara coleção de figurinos e livros técnicos sobre corte e costura — material — vindo da Europa no período 1903-1942.

Tem o primeiro violão dinâmico Del Vechio, vindo de São Paulo para Santa Catarina há 36 anos.

É de notar que neste ano de 1978 Nilo estará completando 43 anos de atividades profissionais.

Tem 3 filhos e 2 netos.

11º) ÉLIDA

Nasceu em Brusque a 10 de janeiro de 1918.

Trabalhou de 1933 a 1945 na Alfaiataria Krieger, confeccionando calças.

Desde 1947 participa da Associação Damas de Caridade, da Igreja Evangélica, onde também foi professora de Religião do Culto Infantil Evangélico de 1940 a 1952. No Coral desta Igreja participou como Tenor e Solista de 1945 a 1974.

Tem 4 filhos e 4 netos.

12ª) WALKYRIA

Nasceu em Brusque a 25 de abril de 1920.

De 1926 a 1932 freqüentou o Grupo Escolar Feliciano Pires. De 1934 a 1937 freqüentou o Curso Normal Primário do F. Pires. Nesta mesma época trabalhou na Prefeitura Municipal como Auxiliar de Tesouraria. Em 1938 submeteu-se a concurso e ingressou no então Banco INCO, em cujas atividades permaneceu até 1968.

Em 1936 freqüentou Escola de Piano. De 1947 a 1969 foi organista da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, onde participou também, de 1942 a 1965, do Coral.

Foi professora de piano (de 1942 a 1965) no então Conservatório de Música de Brusque.

Aprecia os trabalhos manuais (crochê, tricot, costura e artesanato) e quando necessário tem prazer em tocar o órgão nos Cultos dominicais.

13ª) DIRCE

Nasceu em Brusque a 24 de novembro de 1921.

Participa da Associação Damas de Caridade da Comunidade Evangélica, gosta de trabalhos manuais, de crochês, e quanto à instrumentos musicais, tem preferência pelo violino.

Tem 4 filhos.

14ª) AURORA

Nasceu em Brusque a 2 de agosto de 1923, tendo falecido a 10 de dezembro de 1924.

15ª) JEANETTE AURORA

Nasceu em Brusque a 22 de dezembro de 1926, e faleceu a 28 de março de 1928.

16ª) ZITA ADELAIDE

Nasceu em Brusque 10 de dezembro de 1928.

De 1943 a 1946 foi professora primária (Jardim de infância do Grupo Escolar Alberto Torres). De 1943 a 1952 foi membro atuante do Grêmio da Primavera.

Em 1942 iniciou-se na Costura, sendo hoje famosa Costureira.

Costa de música em geral.

Tem 3 filhos.

17ª) RAYNÉRIO OSWALDO

Nasceu em Brusque a 4 de dezembro de 1929, tendo sido batizado a 24 de agosto de 1930.

Frequentou o Grupo Escolar Feliciano Pires até o 3º ano primário, continuando os estudos no Grupo Escolar Alberto Torres, onde concluiu o 2º ano complementar em 1943. Neste mesmo ano foi confirmado na Igreja Evangélica Luterana, sendo pároco Justus Grasman.

Aos 7 anos frequentou aulas de piano no Colégio das Irmãs, desistindo do curso aos 8 anos, por falta de interesse. No entanto, tocando "de ouvido" acompanhava os irmãos Aldo, Axel, Érico e Nilo nos saraus familiares e em ocasiões festivas. Após a confirmação passou a tocar órgão nos cultos infantis, tendo também ingressado no Coral da Igreja, então sob a regência de Aldo.

Em 31 de janeiro de 1944 foi admitido nas Indústrias Têxteis Renaux como aprendiz de mestre em tecelagem. Nesta mesma época começou a tocar piano no Lyra Jazz, tendo estreado num baile no Carlos Gomes em Blumenau.

Desde o ano de 1944 tocou invariavelmente em todos os conjuntos e orquestras, inclusive no Carlinhos Bar (anexo ao Hotel Gracher). Só em 1960 é que deixou de tocar como profissional, mas continuando como organista oficial na Igreja Evangélica.

Em 1948 foi soldado (nº 170) do Tiro de Guerra 170. Em 1950 (27 de julho), casou-se com Elvira Galli. Em 1959, lecionou desenho e modelagem na Escola de Artes Plásticas, que Aldo havia fundado junto ao Conservatório. Em 1959 pediu demissão nas Inds. Renaux, passando à Lojas Krieger como gerente. Em 1960, na Turma Centenário, formou-se Ginásio Noturno. Em 1967 começou a viajar pelo Rio Grande do Sul como Inspetor de Vendas da firma dos irmãos. Posteriormente passou a viajar também para o Paraná.

Sua vida artística sempre correu paralela à profissional. Ficou célebre o conjunto de cordas formado por Axel, Érico, Nilo, Ebehardt, Orthmann, Lothar Zenuski, Raynério e outros.

Sem nunca ter freqüentado escola de Artes-Plásticas, começou a pintar em 1945. Em 1966 (13.08), a convite da Academia Literária Brusquense, realizou sua primeira exposição junto com Naomi Gevaerd, no salão de concertos do Conservatório de Música. Outras exposições em que participou: I Individual (no Instituto Yasigi — Brusque, set. 74); V Coletiva de Artes Plásticas Barriga-Verde (Blumenau, dez de 74); II Individual no Salão da FURB (Blumenau, abril de 75); I Coletiva em Nova Trento (agosto de 75); coletiva de artistas Brusquense (Brusque novembro de 75); III Individual no Salão Nobre da Assembléia Legislativa (Fpolis, maio de 76); VI Coletiva de Artes Plásticas Barriga-Verde (Blumenau agosto de 76); II Coletiva de Artistas Plásticos Brusquenses (Brusque agosto de 77).

Em agosto de 1977, a convite do SENAI, e sob patrocínio das Indústrias Têxteis Renaux S/A, seguiu para a Europa em viagem de estudos: aperfeiçoamento em desenhos têxteis e coloração. Frequentou cursos em St. Galen (Suíça), Krefeld (Alemanha) e Paris (França). Nos dois meses de viagem esteve também na Itália (Milão, Ferrara, Cento, Sto. Agostino, São Giovanni in Perciutto, Veneza, Roma, Florença) onde pesquisou os documentos e certidão de nascimento de sua mãe e documentos de emigração para o Brasil.

Tem 4 filhos e 2 netos.

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzuita Petry)

— Registro do Requerimento de Anacleto José Pereira da Silva, digo, da informação do dito, dada pela Câmara Municipal pedindo a S. Excia. 250 braças de terras de frente e mil de fundos em Itajaí no lugar denominado O SALTO com as que pediu Agostinho Alves Ramos — Despacho de S. Excia. — Informa a Câmara Municipal respectiva, procedendo as formalidades da Lei — Palácio do Governo em 27 de maio de 1839.

*

— Despacho da Câmara — Acordos — Respondam os Ercos vindo seus sinais reconhecidos — Porto Belo em sessão de 25 de Julho de 1839 — Silva Bitancurt — Medeiros — Airoso — Raimundo e Silva — Carvalho.

*

— Acordo da Câmara de 24 de julho de 1839, manda pôr os editais por tempo de 30 dias. Informações da Câmara — Ilm^o Exm^o Sr^o Presidente da Província — A Câmara Municipal da Vila do Porto Belo em virtude do respeitável despacho de V. Excia. proferido na petição pelo suplicante tem a informar que a petição referida pelo suplicante em Itajaí não houve; por isso o parecer que está para ser proferido ao suplicante dependerá sobretudo de V. Excia. que mandará o que fôr justo. É o que pode esta Câmara informar a V. Excia. Porto Belo de 1839 — Antônio José da Silva — João da Cunha e Bitancurt — Salvio Antônio de Souza Medeiros — Vieira Rebelo — Manoel Machado Airoso — José Raimundo da Silva — Antonio Francisco de Carvalho.

*

Registro de informação dado no requerimento de João Francisco dos Santos Filho.

Registro do requerimento de José Machado Vieira ou das informações e despachos na dita petição — Requer 400 braças de terras de frente no lugar denominado Crista da Colônia do Rio Pequeno de Itajaí.

*

Despacho de S. Excia. informa a Câmara Municipal do Porto

Belo, procedendo as deligências da lei para verificar se estão devolutas as terras requeridas: ouvindo o Juíz de Paz de Itajaí, encarregado da atribuição de terras a colonos — Palácio do Governo de Santa Catarina, cinco de outubro de 1840 — Rúbrica de S. Excia. — Ferreira de Brito.

*

Despacho da Câmara fixa editais por tempo de trinta dias, e findo que seja por tempo indeferido — Porto Belo, 30 de Novembro de 1840 — Raimundo e Silva — Cunha Medeiros — Rebelo Airoso.

*

Informação da Câmara — Ilm^o. Exm^o. Sr. — A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo em virtude do respeitável despacho de V. Excia. de 5 de novembro findo tem a informar que as terras que pretende o suplicante se acham devolutas porque não houve opposição alguma no prazo que marcou esta Câmara e por isso acham-se as circunstâncias de serem concedidas ao suplicante; sobretudo V. Excia. mandará o que for justo — Paço Municipal da Vila do Porto Belo 17 de dezembro de 1840. — José da Cunha Bitancurt — Francisco Claudino de Souza Medeiros — Salvio Antônio de Sousa Medeiros — Claudino Vieira Rebelo — José Raimundo da Silva.

*

— Registro do Requerimento de Thomas da Costa ou informação e despachos — Requer 400 braças de terras de frente no lugar denominado Morritos da Colônia do Rio Pequeno de Itajaí.

Despacho de S. Excia. Informa a Câmara Municipal de Porto Belo, procedendo as deligências da lei para verificar se estão devolutas as terras no requerido: ouvindo o Juíz de Paz de Itajaí um encarregado da distribuição de terras a colonos. — Palácio do Governo de Santa Catarina, 5 de outubro de 1840. — Ferreira de Brito — Despacho da Câmara — Acordo afixar editais por tempo de 30 dias e depois de findo apresentará ao Juíz de Paz respectivo um encarregado da distribuição de colônias. — Porto Belo, 30 de Novembro de 1840. — Raimundo da Silva — Cunha — Medeiros — Rebelo — Airoso.

Informação da Câmara — Ilm^o. Exm^o. Sr. — A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo em virtude do respeitável despacho de V. Excia. de 5 de novembro findo, tem a informar que as terras que pretende o suplicante acham-se devolutas por não ter havido opposição alguma nos paramos que nada consta nesta Câmara, por isso estão nas circunstâncias de serem concedidas ao suplicante porém sobretudo V. Excia. mandará o que for justo — Porto Belo, 17 de Dezembro de 1840 — João da Cunha Bitancurt — Francisco Claudino de Souza Medeiros — Salvio Antônio de Sousa Medeiros — Claudino Vieira Rebelo — José Raimundo da Silva.

Livros publicados pela Fundação

“Casa Dr. Blumenau”

“CONTISTAS DE BLUMENAU-2”

Finalmente no dia 11 de março acontecerá o lançamento do livro “Contistas de Blumenau-2”, em co-edição com a Editora Lunar-delli, de Florianópolis. A solenidade acontecerá no recinto da Biblioteca “Dr. Fritz Müller” e deverá contar com numeroso público, já que o livro reúne trinta contistas estreantes e mais nove convidados, num total de trinta e nove contos. Na ocasião o prefeito Renato Vianna entregará os prêmios aos dez primeiros classificados (Cr\$ 2.000,00 cada um), enquanto que um dos diretores da Cristais Blumenau entregará o prêmio a cada um dos outros dez classifica-dos no segundo grupo. Deverá estar presente ao acontecimento, pres-tigiando o ato, o aplaudido escritor paranaense Valfrido Piloto. Uma rodada de chopp será oferecida aos presentes naquela noite de lança-mento e de autógrafos, quando o escritor Enéas Athanázio também lançará seu livro “Meu Chão”, editado pela Editora do Escritor e o poeta José Roberto Rodrigues lançará e autografará seu livro “Polie-dro”, editado pela Fundação Catarinense de Cultura.

*

“OTTO SCHAEFER, UM BATALHADOR INCANSÁVEL”

Até fins do mês de março, a Fundação “Casa Dr. Blumenau” estará concluindo e fazendo a entrega aos seus familiares, do livro biográfico “Otto Schaefer, Um Batalhador Incansável”, que, com oito ilustrações, estampa o que foi a vida daquele operoso e saudoso cida-dão brusquense que deixou valioso acervo de serviços à sua comuni-dade.

*

“ESTÓRIAS HISTÓRICAS DE BLUMENAU”

O admirável trabalho de pesquisa e romance do autor Nemésio Heusi que vem sendo publicado em capítulos nesta revista, será transformado num livro de muito valor, já que será mais uma impor-tante contribuição histórica — escrita em forma de romance — mas fiel às datas e aos fatos que marcaram a colonização de Blumenau desde os seus primórdios e até nos anos antecedentes. “Estórias His-tóricas de Blumenau” será o grande lançamento que a Fundação pro-moverá ainda este ano, mais para o fim do segundo semestre.

O DR. BLUMENAU

Quando o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau empreendeu a fundação de uma colônia de alemães no Estado de Santa Catarina, foram de grande auxílio, para ele, as amizades com o negociante Hermann Schroeder, cônsul da cidade livre e hanseática, de Hamburg; com Leo Von Theremin, cônsul da Prússia; com Alexander Avé-Lallemant, cônsul da cidade livre e hanseática de Luebeck, comerciante e sócio da firma Schott, Lallemant E Cia.; com o Dr. Roberto Avé-Lallemant, médico, botânico, explorador, poeta e escritor; com Louis Avé-Lallemant, comerciante sócio da firma Stockmeyer, Lallemant. E Cia.; e com Fernando Hackradt. É o que informa o escritor José Ferreira da Silva no seu livro "O Doutor Blumenau".

O distinto biógrafo do grande colonizador não faz alusão a outros dois irmãos dos Avé-Lallemant já citados: Friedrich e Benedikt. Com Friedrich, pastor da comunidade luterana alemã do Rio de Janeiro, o Dr. Blumenau também deve ter tido laços de amizades, ou, pelo menos, contacto epistolar, face à necessidade de haver um pastor, na colônia, para imigrantes de confissão luterana: e Heinrich Avé-Lallemant, filho de Benedikt, acabou sendo pessoa de absoluta confiança do Dr. Blumenau, como veremos no decorrer deste artigo.

Sem dúvida, Louis, Friedrich, Robert e Alexander Avé-Lallemant devem ter auxiliado, na medida das suas possibilidades, o ilustre Dr. Blumenau: desempenhando funções de relevo, na sociedade da época e gozando, tanto da simpatia como da confiança do Imperador D. Pedro II, de quem eram amigos pessoais, os quatro Avé-Lallemant, portadores de um sobrenome decorrente do pseudônimo Avé, utilizado por seu avô ao emigrar da França, no século XVIII, e de Lallemant, que era o verdadeiro sobrenome da família, devem, de alguma forma, ter influenciado favoravelmente o monarca pois D. Pedro II, entusiasmado da imigração alemã no Brasil sempre demonstrou, de variadas formas, sua admiração pessoal pelo colonizador do vale do rio Itajaí.

Durante a nossa recente viagem ao Estado de Santa Catarina, tivemos ocasião de visitar a sede da Fundação "Casa Dr. Blumenau", da qual falaremos em outra oportunidade, e obtivemos interessantes informações e respeito de Heinrich Avé-Lallemant que, como foi dito, era pessoa de absoluta confiança do Dr. Blumenau.

Em 1872, aos 27 anos de idade, Heinrich Avé-Lallemant, nascido em Luebeck a 6.1.1845, chegou ao Brasil, estabelecendo-se na cidade de Blumenau e tornou-se auxiliar da administração da colônia, já em 1883, quando da inauguração da Câmara Municipal, foi nomeado procurador da mesma. Quando o Dr. Blumenau, nesse mesmo ano, regressou, em definitivo, à sua terra natal, Heinrich Avé-Lallemant foi, por ele, nomeado seu procurador-geral. No museu da aludida Fundação "Casa Dr. Blumenau" tivemos oportunidade de contemplar uma escritura de venda de terras, datada de 28.5.1884, assi-

nada por ele, em nome do grande colonizador, já ausente do Brasil. Por uma especial gentileza na encarregada do setor do arquivo, pudemos trazer, para Santos, uma cópia xerox da escritura, inteiramente redigida a mão pelo mencionado procurador-geral.

De acordo com o arquivo da aludida Fundação, que tivemos oportunidade de consultar, Heinrich Avé-Lallemant, apesar de nascido na Alemanha, chegou a ser deputado provincial pelo Estado de Santa Catarina, tendo sido nomeado, em 1886, para a função de Coletor Estadual. Faleceu repentinamente a 13.3.1888, no desempenho das funções de Coletor Federal para as quais fora nomeado em 1887, tendo sido inumado na cidade que ajudou a fundar e na qual constituiu família em 1878, tendo tido três filhos, já brasileiros, Carlos Hoffmann, seu genro pelo casamento com sua filha Thekla, substituiu o Dr. Blumenau, na direção da colônia, por ocasião de uma viagem.

São estes os breves apontamentos que tivemos oportunidade de redigir graças à solicitude com que o diretor e os funcionários da Fundação "Casa Dr. Blumenau" puseram a nosso alcance, as fichas biográficas e o arquivo histórico da aludida entidade. (Walter Waeny).

(Transcrito do Jornal "Cidade de Santos, de 8.1.81)

Tipos originais de Blumenau

(do livro de Paul Hering — "Memórias — Aventuras e Anotações")

O PEREGRINO NATURAL

Há muitos anos apareceu, num inverno (o vento terral soprava pelas ruas) um homem esquisito. Seu nome era Jannasch, estava descalço, vestido somente com uma camisola, longa, tendo na cabeça uma coroa de folhas. Pendurado ao ombro portava uma bolsa de couro com folhetos impressos que oferecia às pessoas ao seu redor, por alguns vinténs, conseguindo vender alguns, pois sempre havia curiosos que queriam saber de que se tratava. De antemão constatava se tratar-se de um segundo Gustav Nagel, pois também esse homem escrevia todas as palavras com letra minúscula. Em seus opúsculos e prédicas, Jannasch afirmava alimentar-se somente de hortaliças e frutas. Quando desconhecia uma fruta, provava-a primeiro para saber se era comestível, pois dizia que mesmo tendo provado frutas venenosas estas nunca lhe haviam feito mal. Porém isto somente fora possível, em vista de seu modo natural de viver. Afirmava também que era insensível à dor.

Certa manhã, passando pela Rua das Palmeiras, o peregrino juntou os coquinhos maduros caídos no chão. E quando estava abaixado à beira da estrada para colher alguns coquinhos passou por ali um cavaleiro, que não acreditando na insensibilidade de Jannasch contra dores e querendo verificar se era verdade, deu uma forte chicotada no trazeiro do "apóstolo". Este reagiu com um salto e fortes gritarias. O cavaleiro deu as esporas ao cavalo e desapareceu. Mas Jannasch não ficou muito tempo em Blumenau, certo dia continuou sua peregrinação e não se teve mais notícias dele,

A opinião dos que nos visitam

Não tendo sido poucas as impressões deixadas pelos numerosos visitantes que percorreram todas as dependências da Fundação "Casa Dr. Blumenau", começando pelo Museu da Família Colonial, depois ao Parque Botânico "Edith Gaertner. Pelo que interessante reúne a diversidade de opiniões, vamos transcrever mais algumas nesta edição de "Blumenau em Cadernos".

— Admirei muito este museu, achei interessante. Sente-se o passado revivendo em cada peça. É a História viva das vidas que por aqui passaram. Peço por sua continuidade e zelo. — Ilsa Cardoso - Rio Grande - RGS.

*

— Achei o Museu e o Parque um lugar muito tranquilo. Que muitas pessoas venham aqui para refletir. R. Oselani - Blumenau.

*

— Blumenau demonstra ser uma cidade que mantém sua tradição. Sua História é um exemplo dignificante para todo o mundo. Povo que mantém sua tradição, é um povo verdadeiramente civilizado. — De Rio Claro para Blumenau, nossa amizade. — Dr. João Batista Pimentel Jr. — Rio Claro - SP.

*

— Este Museu reflete o espírito culto, disciplinado e ordeiro de seus antepassados, a colônia alemã, ao qual o Brasil inteiro deve res-

Projeto do Prédio do Arquivo Histórico concluído

O sr. Henrique Herwig, projetista, fez entrega, à Fundação "C. Dr. Blumenau" dia 27/2, do projeto do prédio destinado ao Arquivo Histórico de Blumenau. O prédio ocupará uma frente de 28 metros, desde o portão de entrada localizado ao lado da casa que abriga o Museu da Família Colonial até toda a frente da atual Biblioteca "Dr. Fritz Müller", devendo o espaço da mesma também ser ampliado para os fundos. A atual construção existente ao lado da Biblioteca e que era, até a década de 1950, um prédio em estilo colonial de dois pavimentos e que por força de um abalo sofrido quando da construção da Biblioteca lhe foi retirado o sobrado, tirando-lhe, por isso, todo o valor típico, será demolido para dar lugar à construção do Arquivo, que será num estilo colonial, correspondendo plenamente à paisagem agradável que hoje ainda se descortina com a visão da casa de enxaimel que abriga o Museu e a existente ao lado, que foi residência da família do colonizador,

peito, amor e agradecimento pelo muito que têm legado aos brasileiros. — Maria Roetel da Graça Tezzotti Pimentel — Rio Claro - SP.

*

— Gostei muito. Bonito o museu. Eu gosto de saber História de uma cidade. De Rio Claro para Blumenau. — Ricardo Pimentel.

*

— Achei muitíssimo interessante o Museu com toão este acervo que além de estar bem conservado está muito simples de entendê-lo pelo catálogo que a maioria dos museus não apresenta. E o que mais me encantou foi a originalidade e sensibilidade com que foi feito o “cemitério dos gatos”. Simone Ribeiro — Porto Alegre.

*

— As minhas impressões sobre o museu da Família Colonial e do Horto Botânico “Edith Gaertner” foram as melhores. É muito justo que o pessoal de Blumenau e até os próprios visitantes tenham conhecimento de quem esteve aqui antes. O museu é muito bem distribuído. É um exemplo a ser seguido por todos historiadores, para fazerem tradições históricas da cidade. Terminando: o museu é um exemplo a ser seguido. Eduardo Pinto de Abreu — SP.

*

— Achei este museu muito interessante, e nos serviu para conhecermos melhor esta linda cidade, e também um grande gesto de carinho para com a antiga família dos gatinhos. — Celso José da Silva — Américo dos Santos Silva - São Paulo.

*

— Muito educativo! Este Museu vai servir para muitas pesquisas de estudantes, professores, etc. — Renan Porciuncula — Santa Cruz do Sul — R.G.S.

*

— A minha impressão foi uma das melhores possíveis, devendo ser obrigação absoluta a todos que por aqui passarem à visita a este Museu, de uma organização admirável. Parabéns! — Daniel Luiz Junqueira — Niterói - RJ.

*

— Nunca pensei que existisse um lugar tão lindo em Blumenau como o Museu da Família Colonial e o Parque Botânico. — José Lourenço Cappri.

*

— Gostei da miniatura do vagão da estrada de ferro. Muito bem caprichado! Legal! — Luis Marco Munhoz.

*

— É maravilhoso saber que ainda existem pessoas que se dedi-

com a conservação da natureza e de objetos históricos. Vocês estão de parabéns. Voltarei sempre que houver oportunidade. — Dolores Macaneiro - Blumenau.

*

— Não imaginava encontrar lugar tão emocionante e educativo em Blumenau. Adorei. Falo em nome de todos os colegas: Raffaella Sandrina, Vilson Sandrini, Christine Lange, Karen Guadalupe Ramiro.

*

— Este museu dá uma boa contribuição para se compreender a influência alemã na sociedade brasileira. Faz-se necessário iniciativas como esta e que se procure conservar mais o patrimônio arquitetônico e cultural nesta região. — Eduardo E. Souza — Salvador — Bahia.

*

— São relíquias maravilhosas. Por isso, não deixe nunca isso terminar, porque cada visitante que chegar, sempre temos um presente para lhe mostrar: este museu. Percy R. Colley — Blumenau.

CAPA — NOVO PRÉDIO PARA O ARQUIVO HISTÓRICO

Na capa deste número, estampamos um clichê da foto da primitiva Alameda Duque de Caxias (por volta de 1895), quando vemos a originalidade do prédio que hoje serve como continuação do Museu e no sótão parte de arquivo do acervo histórico. O prédio foi mutilado na sua parte superior, perdendo os pavimentos superiores, quando abalou em face da construção da atual Biblioteca "Dr. Fritz Müller". Foi então colocada uma cobertura provisória que ainda hoje ali está, perdendo assim, a partir de então toda a sua originalidade e valor histórico. Agora, o que resta daquela construção, será demolido para em seu lugar ser construído o prédio em estilo tradicional europeu que abrigará o Arquivo Histórico Público de Blumenau.

Banco do Estado de São Paulo SA

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

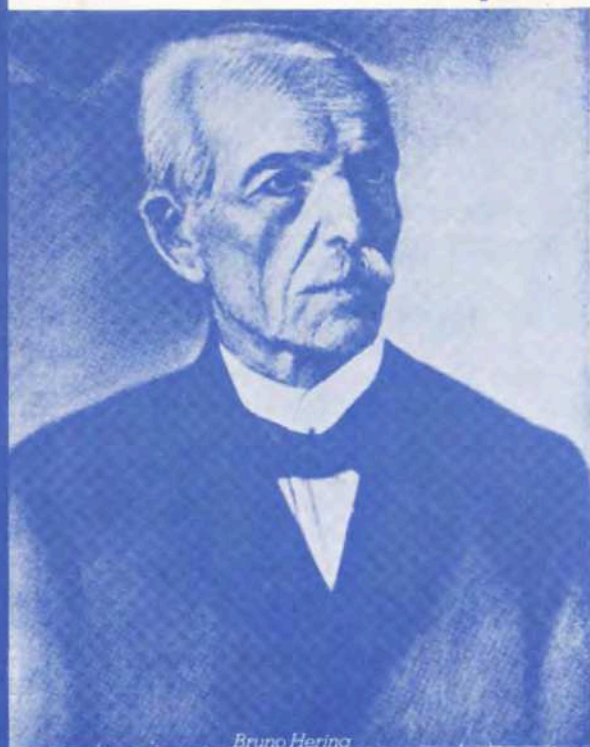
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

Apresentamos os dois peixinhos da Hering.



Bruno Hering



Hermann Hering

Eles estão fazendo 100 anos.



No ano de 1880, em Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann fizeram uma malha de algodão confortável, macia e muito resistente. Desenharam nela um símbolo com dois peixinhos: dois arenques - hering, em alemão.

Em pouco tempo, o pessoal da região estava pedindo as malhas dos irmãos Hering. Eles haviam descoberto que aquelas malhas eram ideais para o clima do país e agüentavam firme o trabalho duro no campo.

100 anos depois, a etiqueta dos dois peixinhos está por aí vestindo todo mundo. Virou moda e foi adotada pela juventude.

É verdade que para conquistar este lugar foi preciso atravessar um século difícil. Muitas vezes os peixinhos tiveram que nadar contra a corrente, enfrentando crises que pareciam insuperáveis, mas que, num balanço final, só conseguiram provocar uma coisa: soluções.

Outra verdade é que os primeiros 100 anos são os mais difíceis.

E hoje é o primeiro dia do centenário da Hering. Nós achamos que esta data merece ser comemorada.

Senhoras e senhores, com vocês, uma idéia que está dando certo há 100 anos: malhas Hering. Sutra 1880.

CIA Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA



1980 - Ano do Centenário da Hering.